

Educação da Pessoa no contexto cultural escolar

Education of the Person in the school cultural context

Éducation de la Personne dans le contexte culturel scolaire

Maria Judith Sucupira da Costa Lins
Universidade Federal do Rio de Janeiro
mariasucupiralins@terra.com.br
Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-5404-6061>

RESUMO

A Educação da Pessoa permanece como um desafio em nossos dias. Entende-se que o contexto cultural é essencial para o desenvolvimento da pessoa. Escolas têm papel relevante na educação da pessoa e aparece na história da educação como um processo cultural necessário. O problema desse estudo é a educação da Pessoa no contexto cultural escolar. O objetivo é discutir essa questão relacionando a ideia de educação da Pessoa à cultura escolar. A fundamentação teórica está na filosofia personalista e em estudos sobre a cultura. Usamos o método de argumentação e interpretação com base na hermenêutica de Ricoeur (2016). Concluímos que o contexto cultural escolar oferece condições únicas para a construção da pessoa, tornando-se indispensável para a educação integral da pessoa.

Palavras-chave: Educação. Pessoa. Cultura. Escola.

ABSTRACT

The Education of the Person remains a challenge today. It is understood that the cultural context is essential for the development of the person. Schools have a relevant role in the education of the person, and it appears in the History of Education as a necessary cultural process. The problem of this study is the education of the Person in the school cultural context. The objective is to discuss this issue relating the idea of education of the Person to school culture. Theoretical foundation lies upon the personalist philosophy, and cultural studies. We used the method of argumentation and interpretation according to Ricoeur's (2016) hermeneutics. We conclude that school culture context offers unique conditions for the construction of the person. Because of this, the school is indispensable for the whole education of the person.

Keywords: Education. Person. Culture. School

RÉSUMÉ

L'Éducation de la Personne reste aujourd'hui un défi. Il est entendu que le contexte culturel est essentiel au développement de la personne. L'école a un rôle important dans l'éducation de la

personne et apparaît dans l'histoire de l'éducation comme un processus culturel nécessaire. Le problème de cette étude est l'éducation de la Personne dans le contexte culturel scolaire. L'objectif est de discuter sur cette question reliant l'idée d'éducation de la Personne à la culture scolaire. Le fondement théorique répose sur la philosophie personnaliste et dans études sur la culture. Nous avons utilisé la méthode d'argumentation et d'interprétation qui est fondée sur l'herméneutique de Ricoeur (2016). Nous concluons que la culture scolaire offre des conditions uniques pour la construction de la personne. Ainsi, l'école est indispensable à la éducation intégrale de la personne.

Mots-clé: *Éducation. Personne. Culture. École*

Introdução

Analisar a relação entre a Educação da Pessoa, Cultura e Escola é sempre algo necessário, em qualquer oportunidade, porque discutir a questão da Educação da Pessoa no Contexto Cultural Escolar, entendida em sua complexidade é um desafio que precisa ser vencido. Para que a tarefa seja bem-sucedida, as implicações pedagógicas e os dados concernentes à pessoa enquanto indivíduo, e à sociedade, constituída como cultura, exigem uma tomada de posição científica e não baseada em desejos e opiniões. Os quatro termos – Educação, Pessoa, Cultura e Escola - são os conceitos básicos de sustentação do olhar que se projeta sobre o ser humano com o objetivo de conhecê-lo, tanto para o estudioso de hoje, como historicamente. Impõe-se uma compreensão dessas palavras para que possam ser relacionadas e produzam conclusões filosóficas e educacionais consistentes, úteis para a prática pedagógica.

É uma abordagem dialética-fenomenológica, o que se encontra nesse artigo, sem nenhuma pretensão dogmática ou normativa. Nessa discussão, nós levantamos dúvidas e abrimos trilhas para a continuidade de pesquisas nessa área de conhecimento. Apresentamos definições cunhadas por pensadores, cuja teorias podem sustentar a vivência diária educacional, cheia de imprevistos, e abundante em conflitos que não podem ficar insolúveis. O respaldo filosófico, antropológico, assim como o que é oferecido por outras teorias, é de grande relevância.

Ao falarmos sobre Educação, faz-se mister lembrar que há, basicamente, dois tipos distintos de ocorrência desse processo, seja assistemático ou sistemático. Podemos ainda recordar a Educação proveniente da família, da cultura como um todo ou de algumas instituições como a Igreja, os grupos recreativos, as associações de bairro, os meios de comunicação e a escola. A última exemplificação referida, a escola, é o núcleo de nossa atenção concernente à cultura. Ainda que nesta a educação assistemática aconteça, e em

uma dimensão considerável, o intuito é oferecer o material educativo sistematicamente. Tomaremos como base a definição de educação apresentada por Sucupira (1980), conceituando-a como a atividade intencional e assimétrica na qual os sujeitos se relacionam para a aquisição de fins próprios à pessoa e à cultura. Observe-se que ao se referir à intencionalidade, o filósofo faz um recorte específico da educação, tomando-a como sistemática, organizada e proposta pela escola. Nossos argumentos estão encaminhados para esse horizonte e são pertinentes ao encontro da preocupação com o sujeito enquanto pessoa e a cultura por meio da escola. Educação está presente de maneira aleatória ou intencional em todas as composições culturais estabelecidas por seres humanos. Absolutamente não estamos arquitetando a construção de uma cultura utópica, nem planejamos algo semelhante ao que Thoreau (2006) sonhava ao descrever a vida perfeita. Educação não é a panaceia que de maneira mágica poderia solucionar todos os problemas pessoais e culturais, porém é algo extremamente real em seus resultados. Desse modo, nossos argumentos são pertinentes ao estabelecimento do efetivo encontro da preocupação com o sujeito enquanto pessoa e da compreensão da cultura por meio da escola.

A metodologia proposta por Ricoeur (2016) nos permite uma interpretação rigorosa dos textos que nos leva a inferências e posteriormente conclusões importantes. Nesse artigo, o olhar científico está presente, de modo que não se caia em versões subjetivas e desprovidas de racionalidade. As reflexões seguem o que os autores apresentam enquanto definições e afirmativas, de modo que se possa ter uma estrutura sólida de pensamento e uma argumentação sem distorções. Esse método permite a existência do tratamento dos tópicos de modo paralelo, sem que sejam necessários enunciados isolados para cada termo. Dessa maneira, há uma interpelação contínua dos elementos, uma troca e uma combinação enriquecedora.

A relação entre os conceitos de Pessoa, Escola e Cultura é a finalidade da pesquisa hermenêutica que realizamos. A discussão é pendente da credibilidade que se confere ao pensamento filosófico dos autores consultados e às possibilidades epistemológicas dos sistemas construídos por suas afirmações, não como uma crença sensível ou de fé, mas pela exploração e averiguação dos conceitos analisados. A sede de sabedoria do ser humano tem impulsionado suas buscas e o avanço tem sido considerável na resolução de problemas e desvendamento do que aparentemente era tido como um mistério.

A Pessoa é um ente especial, ontologicamente definida como única e irrepitível, como o ser por essência que encontra sua concretização na existência, como afirmara Aquino (1981) e posteriormente confirmado por Maritain (1959, 1947), Von Hildebrand

(2009) e Sucupira Lins (2018). O ser humano é uma realidade que se revela em sua dignidade, razão e liberdade na sua imersão em grupos de semelhantes e ao mesmo tempo desiguais. Cada um é especial, todos pertencem à humanidade.

Educar a Pessoa é a exigência sociocultural que se apresenta cada vez mais complexo nas organizações políticas da atualidade. Essa é uma premissa relativamente nova, quando se lança o olhar na linha do tempo marcada pela presença do ser humano no mundo. Nem sempre houve, nos grupos culturais, a preocupação com o ser humano enquanto sujeito da atividade escolar proporcionada. O conceito de ser humano é uma compreensão posterior tanto às sociedades mais primitivas, como esteve também ausente até mesmo nas assim denominadas grandes civilizações, com exceção da que floresceu nas cidades gregas, por volta do século V a. C. As comunidade ou aglomerações humanas, reunidas depois da era nômade, eram vistas como uma totalidade, de modo que a pessoa individualmente era ignorada.

Considerava-se a chegada de um novo membro ao meio cultural como alguém a mais, e não se compreendia a sua singularíssima pessoa nem se lhe dava uma atenção concernente ao seu valor e à sua unicidade. O recém-nascido era submetido a sessões rituais específicas que lhe conferiam a pertença àquela cultura. Era introduzido em seu grupo, inteiramente organizado, contendo um conjunto de manifestações e produções, às quais deveria se ajustar. O novo indivíduo passava a ser visto como um receptáculo das tradições, ao mesmo tempo que ganhava a função de adquiri-las para no futuro ser um guardião desse tesouro. Na primeira infância, a família se encarregava de promover sua adaptação e logo em seguida, a criança era encaminhada para a convivência com seus pares sob orientação e total controle de uma determinada pessoa considerada a autoridade com essa função pedagógica na tribo ou comunidade.

Entende-se, consoante essa breve explicação, que a educação da Pessoa não era uma preocupação original dos adultos em relação às crianças e não havia intenção pedagógica de seu aperfeiçoamento individual. Há na literatura pertinente diversos relatos, como os apresentados por Monroe (1968), descrevendo as culturas nas civilizações da antiguidade que mostram a Escola, como entre os egípcios, hindus ou persas, sem, no entanto, haver nenhuma significação dada à pessoa de quem para lá era enviado. A instituição escolar existia, como se pode comprovar por meio de documentos escritos, desenhos, inscrições, esculturas, pinturas, entalhes em madeiras e gravações na pedra, porém como instrumento de conservação e transmissão das conquistas culturais daquele povo. Essa organização, conhecida como escola, tinha como finalidade única a manutenção e para novas gerações do

acervo cultural de cada povo. Somente com o advento da filosofia na antiguidade clássica grega, segundo Marrou (1981) ensina, ao se dedicar a esse estudo, as indagações sobre a pessoa surgem e há uma inversão dessa linha de pensamento. Detalhadamente, o historiador mostra a novidade dessa diferença crucial que não pode ser esquecida ou negligenciada por pesquisadores em qualquer área da Educação, e mais especialmente no que concerne às suas relações com a Pessoa, Cultura e Escola. Há uma guinada histórica trazendo preocupações inusitadas quanto ao indivíduo, que se torna o centro de interesse filosófico, e por derivação, da cultura.

Quanto ao significado intrinsecamente expresso pela palavra cultura, Damatta (1973), o conhecido antropólogo brasileiro, pioneiro na exploração do conhecimento referente às diversidades dos povos, indica a criatividade e particularidade como um dos marcadores fundamentais. Uma cultura é um sistema de produtos e relações que se impõe como uma estrutura construída por todos os integrantes daquele grupo. Por ser uma estrutura, cada alteração modifica inteiramente todo o conjunto, estabelecendo-se nova estrutura. As características de cada cultura não podem ser apagadas, violadas, ao mesmo tempo em que a comunicação entre os vários tipos é sugerida como elemento de enriquecimento. O intercâmbio cultural não destrói as particularidades. Pelo contrário, abre novos horizontes, principalmente na medida em que há uma autoafirmação concomitante à abertura para o novo dentro de criteriosa avaliação. Culturas não podem morrer nem serem subjugadas.

Apesar da sua observável evolução, e de certo modo apreciada, Cabral (2012) declara ser preciso reinventar a escola à luz de nossa época para que o processo educacional seja adequado ao tempo. O conhecido antropólogo brasileiro recorda que educar é habilitar a pessoa individualmente para que seja capaz de criar uma cultura genuína, aberta à diversidade e a escola é encarregada disso. Prosseguimos com as ponderações do citado autor, profícuo em seus estudos sobre a cultura, lembrando que conclama o povo também a reinventar a cultura. Selecionamos algumas de suas obras para nosso enfoque, principalmente quando Cabral (2006, 1997) desmascara mitos culturais e reforça a investigação de significados relevantes. A cultura é dinâmica e se apresenta em infinita mutação, diferentemente do que se pode pensar. A intensidade e efervescência de seus componentes se opõe à uma visão definitiva e imutável. A ideia da cristalização dos elementos culturais como desejável, dentre estes a própria definição de pessoa e sua educação, está muito arraigada, explica o antropólogo, e isso impede sua renovação. Seguindo essa linha de raciocínio, porém com propósitos diretamente calcados na educação,

currículos e tarefas pedagógicas, Candau (2008) quer a reinvenção dessa instância, considerando-a obsoleta e incapaz. Em suas pesquisas, a educadora brasileira estudou a realidade concreta existente em sua país e busca oferecer subsídios para o surgimento de algo novo. Não há um modelo específico, nem isso seria de se esperar, no entanto, há consenso quanto à ineficácia do que se tem atualmente para oferecer às crianças e adolescentes como uma possibilidade de vivência cultural.

É preciso, pois que estabeleçamos caminhos para a realização desse complexo entendimento. A ideia motivadora desse ensaio se fundamenta na preocupação com a Pessoa, em seu sentido absoluto e na observação da Escola como instância cultural presente em todos os grupos humanos desde tempos remotos e que atualmente, mais que nunca, se coloca em ponto de destaque. Embora não seja objeto de nossa análise, ressaltamos o inegável valor da família, repetidamente lembrado por Lasch (2008) ao criticar a cultura que a despreza, substituindo-a por anti-valores. O antropólogo mostra os males derivados da cultura narcisista e como esta se encaminha para a implosão, esquecendo a pessoa e o primeiro lugar de sua educação. Focalizamos a Educação da Pessoa na sua inserção cultural, mostrando a força dessa relação por meio da instituição escolar. Há uma tentativa de se trazer princípios filosóficos centrados no personalismo e provocar um debate com as premissas culturais vinculadas à prática pedagógica existente na escola. O papel da escola é considerado como central para essa discussão. Pensar a cultura exige, em primeiro lugar, entender que o ser humano inicialmente vivia conforme as condições de seu meio ambiente natural. Somente quando percebe suas capacidades de intervenção e de produção, o sujeito desencadeia o processo de transformação do que está à sua volta e cria cultura.

A revolução pretendida é descrita como crucial por Haidt (2013) ao afirmar que “a partir desse ponto, as pessoas viveram em um ambiente que foi crescentemente de sua própria construção”. A passagem para o modo de vida sedentária reclamou atitudes e comportamentos até então desconhecidos, por isso é o instante da grande virada na história do ser humano na terra. Fazer, algo não existente ainda, com as próprias mãos é a incrível novidade que muda não só a história, mas a autoconsciência da pessoa. Elaborar planos de sobrevivência e antecipar os procedimentos da natureza trouxe uma série de benefícios. O autor estende a imensidão desse feito ao estabelecimento de leis morais que regem essa recém-nascida situação denominada cultura, sem as quais não é viável a convivência dos seres humanos. De maneira extremamente rudimentar, se compararmos com as conquistas tecnológicas do século XXI, essa forma de cultura precisava ser preservada, e por esse

motivo, são instituídos grupos específicos sob a coordenação de líderes, formando a incipiente escola.

Relações e reflexões

Para uma abordagem adequada do problema que propomos analisar nesse artigo, perguntamos inicialmente: Quem é a pessoa? O que é escola? O que é cultura?

Usamos uma estrutura de exposição calcada na interlocução possível de produzir inferências que os três termos geram, de modo a tornar visível uma tessitura firme, por isso não dividiremos essa seção em subtítulos. Essas categorias têm identidade específica e não precisam das outras, em si mesmas, para uma explicação. No entanto, o objetivo da discussão desse ensaio é relacioná-las e sobre elas refletir. A configuração gestáltica escolhida para a progressiva interpretação permite a apreensão da informação simultaneamente ao encaminhamento lógico-dedutivo. Essa modalidade de método hermenêutico favorece a construção do conhecimento pretendido, sem imposição de afirmativas, deixando-as bem claras para que sirvam de ponto de partida para as relações e reflexões a serem feitas.

A pessoa é o indivíduo enquanto representante de uma espécie, ao mesmo tempo que é um ente de peculiaridades irrepetíveis. É o ser de essência e de existência concreta. Não existe uma pessoa ideal nem um ideal de pessoa. Há uma pluralidade de pessoas compondo a humanidade. O ser humano é o núcleo da filosofia não só em uma obra, mas presente em todas as suas manifestações ao longo de uma atividade indagadora voltada para a pessoa e por conseguinte para a cultura. Consciente dessas premissas, Maritain (1944) propõe um novo tipo de humanismo, com o qual temos que concordar. Desbravar o intrincado ser da pessoa tem sido uma tarefa assumida por filósofos, que avançam nas respostas, sem, contudo, chegarem a uma conclusão definitiva. O citado filósofo não é exceção, mas sua busca para saber quem é o ser humano e suas descrições das sucessivas tentativas de organização política são ricas em ensinamentos. Esse pensador relaciona o conceito de pessoa à cultura explicando as formações políticas desde o humanismo clássico da antiguidade grega, passando pelas formas de humanismo teológico, antropocêntrico, racional e marxista. Ao descortinar esse panorama, consegue mostrar como estavam equivocadas essas organizações denominadas de humanismos. Chega, então, ao ápice de sua filosofia humanista conclamando todas as pessoas para a participação no humanismo

integral, a verdadeira forma na qual há o respeito ao ser humano na vida cultural. Cada um desses modelos de humanismo estudados, apresenta pontos positivos, mas se perdem no esquecimento da centralidade da pessoa como criatura e ao mesmo tempo dotada de livre arbítrio, razão e vontade para construir e manter a cultura. Esse conceito de pessoa, trabalhado pelo filósofo francês, não foi enfraquecido e encontra em seu contemporâneo von Hildebrand (2009) um paralelo de sustentação. A preciosidade da pessoa, enfatizada pelo filósofo alemão que viveu apenas mais quatro anos que seu colega e admirador francês é coerente com a exigência de uma cultura humanista integral. Ao entendermos que a pessoa é preciosa, mudaremos a rota de nossas pesquisas e nos envolveremos mais precisamente com a busca de sua realização. Acrescentamos o respeito à pessoa como condição sine qua non de aproximação da pessoa, trazendo esse princípio filosófico, que é o cerne do pensamento de Sucupira-Lins (2018) para o contexto cultural. Respeitar a pessoa é compreendê-la em sua absoluta inviolabilidade por sua dignidade, reconhecendo que não há cópias nem duplicidade. Uma pessoa é um exemplar do mais alto valor, única, e o respeito é atitude que educadores não podem deixar de ter. Respeito não é uma palavra sinônima de indulgência. Muitas vezes o educador tem que tomar medidas que não parecem agradáveis, mas que foram profundamente pensadas e se concretizaram para o melhor daquela pessoa que as recebe. O respeito mútuo é o lastro sobre o qual a cultura pode subsistir. Quando não há respeito, há opressão da pessoa, que é vítima de tentativas de autoritarismo e arbitrariedades. Respeito é a virtude que permeia a cultura, manifestando-se em cada pessoa e para cada pessoa.

Educar a Pessoa é, além de ser em primeiro lugar uma tarefa concernente a cada indivíduo, uma fundamental questão política, notadamente se entendemos a escola como uma invenção da estrutura da vida social. Aristóteles (1995a; 1995b), o filósofo do século IV a. C., cujo interesse abrangente na sabedoria o levou a diversos campos, com precisão descreve a política em termos ainda atuais, embora as adequações sejam necessárias. Se não nos deixarmos cair na tentação de análises anacrônicas, aproveitaremos o que a lógica aristotélica tem a nos ensinar para hoje. O berço da ação política é o agir dos cidadãos por meio da prática das virtudes para o bem comum. Em seus ensinamentos sobre ética, insiste nesse exercício realizado pela pessoa para que seja realmente um cidadão. Avança bastante na relação entre a política e a ética, ao afirmar que a harmonia pessoal pela vivência virtuosa gera a felicidade que só encontra lugar no contexto cultural. A educação para a virtude é ressaltada do ponto de vista da racionalidade humana, e de certa forma, o estagirita não

desenvolve a noção completa da pessoa por se esquecer da afetividade como fator integrante.

Indagações sobre o ser humano permanecem e, provavelmente, jamais serão plenamente respondidas pela filosofia, antropologia, ou outra área de estudo. Como já foi mencionado, Von Hildebrand (2009) sintetiza o conceito de pessoa em uma única, simples e profunda palavra: preciosa. A preciosidade de cada indivíduo é um alto valor que não lhe é atribuído por qualquer lei ou outro dispositivo, pois já faz parte do ser em si mesmo. Por ter sido criado livre e carregar em si a própria dignidade que ninguém lhe deu, a pessoa é preciosa. A liberdade da pessoa não lhe é outorgada por merecimento ou qualquer outro pressuposto. À pessoa não são conferidas características que já lhe são intrínsecas, no entanto, há elementos que estão em estado potencial, conforme definiu Aquino (1981) e que, por si só, não serão atualizados. A partir do conhecimento dessa realidade dialética potência/ato é que entram os componentes culturais.

Cabe então introduzi a tentativa de resposta referente à escola. Muito já tem sido debatido e a escola é frequentemente interpelada e questionada. Consideramos que tem como uma de suas principais missões oferecer a cada pessoa estímulos e oportunidades para que se multipliquem os talentos existentes. O papel da escola como entidade cultural é essencial nessa passagem do estado de uma capacidade potencial para a manifestação em ato concreto do que se pode denominar como dons de uma pessoa. Bruner (1997), psicólogo e educador norte-americano, ao longo de sua vida acadêmica quase centenária, pesquisou os processos de aprendizagem, os elementos de cognição e principalmente a inserção da escola na cultura. Avaliando a cultura da educação, o autor explora os elementos que podem favorecer o desenvolvimento das crianças e adolescentes, visando sempre sua pertinência à cultura. Não há sujeito humano isolado que possa conhecer mais amplamente do que sua limitadíssima realidade, é uma de suas altamente valiosas conclusões.

A sistematização feita pelos projetos político-pedagógicos quanto ao que foi acumulado e conservado pela cultura traz uma enorme vantagem sobre toda e qualquer maneira de se favorecer a educação da pessoa. Isso é mais evidente ainda quando se observa a explosão de conhecimentos e o acelerado avanço da tecnologia disponibilizada no mundo. O intervalo entre as pesquisas científicas e a industrialização e comercialização das descobertas é cada vez menor, de modo que se torna impossível a aprendizagem aleatória como acontecia em sociedades primitivas e pequenas, com acervo cultural rico em um sentido particular, porém menor do que se observa hoje. A cultura não é mais um conceito

entendido de forma restrita e local. A globalização é uma realidade e não apenas uma forma de expressão.

Cultura é um conceito relativamente novo, em contraposição à sua antiga existência, manifestada em diversas localidades do planeta terra. A antropologia cultural, se olharmos para suas raízes com as pesquisas realizadas por Franz Boas (1961), considerado um dos fundadores dessa disciplina tem crescido seguindo variados rumos. Embora seus escritos tenham sido contestados e alguns de seus estudos invalidados, a sua intenção de dar corpo a um novo domínio do conhecimento trouxe contribuições inovadoras. Os tópicos abordados por esse autor foram prejudicados por uma visão deturpada. A crítica existente traz ideias esclarecedoras sobre os componentes do contexto cultural em relação à pessoa que atualmente atingiram níveis inimagináveis. O rigor científico dos pesquisadores em antropologia levou ao desdobramento dos estudos nessa área, os quais são muitos e oferecem subsídios para a questão sob nosso enfoque. Ao interpretar a cultura, desvendando seu significado, Geertz (1989) finca novos marcos para a antropologia e mostra a abrangência dos estudos cruzados. Considerado o moderno estruturador dessa disciplina, o pesquisador abriu caminho para seguidores nesse campo. Seus escritos iluminam até hoje os trabalhos de estudiosos que buscam entender a cultura. O citado autor vai além de definições isoladas e propõe análise interdisciplinares. Em nossos dias, lemos Gil (2019, p.530), que refletindo sobre a humanidade e a cultura na perspectiva do artista, e simultaneamente do homem político que é, discorre sobre a importância dessa visão, declarando que vê “na cultura o espaço para os países partilharem seus tipos de fé, raças, sexualidades, valores, na cacofonia de suas diferenças, no antagonismo de suas incompatibilidades, na generosidade de um lugar em comum, algo que nunca existiu, mas tem sido sempre sonhado por aqueles que deixam seu olhar se perder no horizonte”. Se bem que não tenha sido pronunciada por um antropólogo profissional, essa frase aqui citada expressa bem nossa argumentação quanto à pluralidade que harmonicamente pode conviver. Há nesse trecho uma nítida esperança de futuro possível para a pessoa se sentir inserida na humanidade, sem com isso perder sua identidade. Valores tornam possível a ultrapassagem de ‘incompatibilidades’, termo usado pelo autor, quando está presente a ‘generosidade’ do sentido de comunidade.

A cultura se atualiza nas pessoas e as pessoas se atualizam na cultura. Cultura e pessoa são indissociáveis em seu desabrochar e na sua consolidação. É em concordância com esse entrelaçamento que Bayard e Karaduman (2021) perguntam o que se deveria ser feito nas escolas para se criar uma cultura forte e positiva. Essa indagação leva o leitor a

querer saber o significado, ainda que aproximadamente, de uma cultura forte e positiva. Para os citados pesquisadores, a escola trabalha como parceira para que haja a mais plena inclusão do que é produzido pelos sujeitos de uma comunidade, caracterizando a cultura forte e positiva pela manutenção dos costumes e tradições, com base em crenças e propósitos que unem as pessoas. Na medida em que isso não acontecesse, não haveria 'cultura forte e positiva'. A pesquisa relatada busca encontrar na escola o suporte para que a cultura não se enfraqueça e sua vitalidade transpareça nas pessoas.

A pessoa é o centro e a razão de ser da cultura e conseqüentemente de tudo que nela existe, incluindo a escola, instituição criada para ela e a seu serviço. O direito à escolarização é básico, porque escola não é privilégio de alguns, como afirmou o já citado autor Teixeira (1977). Uma cultura que não se preocupa com o atendimento a esse, e outros direitos, está minada e desaparecerá sem deixar vestígios. A renovação da cultura e seu vigor dependem da superação de interesses particulares e de favorecimentos a pessoas, quaisquer que sejam ou pela posição que ocupam. O conhecido filósofo brasileiro se empenhou fortemente para que houvesse escolas para todos e que ninguém ficasse fora do sistema educacional. Sua meta era a inclusão de cada pessoa, sem preconceitos, sendo altamente respeitada em seu valor próprio e como membro participante da vida da cultura por meio da educação.

Nessa mesma direção, sonhando com a escola pública de qualidade para todos os cidadãos, estiveram a dedicação e a luta empreendidas por Mendes (1984), objetivando uma verdadeira filosofia da educação brasileira. Essa concepção não estava contrária ao conhecimento universal nem às experiências de outros países, mas precisava ser inteiramente identificada com o que chamou a cultura brasileira. Não discutiremos aqui se é ou não possível se falar de uma cultura brasileira ou se há mais de uma cultura no interior da mesma nação brasileira. O importante, em sua proposta, é que a educação, nesse contexto cultural por ele definido, tivesse como centro a pessoa, seu ser e seu agir, integralmente ligada à cultura pela qual também se sentiria responsável. Esse atuante educador, destacado na política brasileira, reivindicava uma atitude filosófica séria e coerente que fugisse do individualismo e da ausência de comprometimento do cidadão com a vida cultural. Seu trabalho foi persistente, buscando uma escola que atendesse às premissas culturais e exigisse da pessoa uma ação responsável.

Nessa mesma vertente, trazemos as considerações, em estudo recém-publicado, reunidas por Duygun (2021) referentes às discrepâncias presentes na formação dos alunos. O pesquisador vai a fundo em sua análise sobre a inexistência de oportunidades justas

oferecidas à pessoa. As desigualdades culturais e educacionais são graves e numerosas, observou o estudioso, que mostra os resultados examinadas como um sério fator interveniente do que denomina a injustiça epistêmica. Define injustiça epistêmica a impossibilidade de acesso aos mais elementares conhecimentos que deveriam ser distribuídos a todos. A ignorância não é compatível com o processo de aperfeiçoamento da pessoa e, desse modo, a injustiça epistêmica tem que ser eliminada. Na vida escolar, notamos com frequência, a injustiça epistêmica se evidencia, ao mesmo tempo em que, se constitui um entrave ao desenvolvimento da pessoa de cada estudante. Há uma indagação do autor quanto às origens dessa injustiça epistêmica. Prossegue, respondendo à pergunta relativa às causas, que o desprezo pelas pessoas em sua dignidade absoluta está no germe dessa situação. Não podemos deixar de comentar que a ausência de um processo cultural coerente com o valor da pessoa seja a razão dessa injustiça epistêmica. Se a pessoa não é plenamente compreendida como ser único, irrepetível e dotado de dignidade ontológica, a escola e a cultura, na qual se encontra, desmoronam. É impossível se pensar na harmonia e no bem comum quando são violados os direitos básicos da pessoa, de educação e vida plena na cultura. A justiça do conhecimento acessível a todos, dos produtos culturais disponíveis para cada pessoa é um direito imanente ao ser humano. A escola tem o dever de contribuir para que a injustiça epistêmica seja vencida, ainda que as dificuldades sociais sejam imensas e os problemas, incluindo os oriundos das famílias, sejam bastante graves. Certamente que a escola não é uma potência dotada de forças sobrenaturais e sozinha não conseguirá nenhuma mudança. O que estamos argumentando é a consciência de todos que fazem parte da escola, e de maneira mais abrangente, da cultura como um todo, de que existe uma injustiça epistêmica minando as possibilidades de desenvolvimento da pessoa.

Em nossa argumentação, conservamos a ideia acima trabalhada, insistindo que a justiça epistêmica prevaleça. Para uma nova cultura de real valorização de todas as pessoas, o que é um passo relevante para a consecução dessa meta, Camosy (2019, p.301), depois de longo estudo em múltiplas fontes, sugere o seguinte:

muitos de nós precisamos tomar um longo chuveiro quente, purificador da política. Recolhermo-nos, ao menos temporariamente, do esgarçamento das políticas nacionais (especialmente online) e aquietarmos nossas mentes. Focar nas coisas reais, locais, físicas. Cultivar encontros genuínos com os outros. Mostrar hospitalidade – não somente para nossa família, amigos e vizinhos – mas para muitos tipos de populações vulneráveis à margem de nossas comunidades. (CAMOSY, 2019, p. 301)

Essa proposta de luta pela justiça epistêmica aliada ao desejo da vida consistente, entrelaçando pessoas e a escola na cultura, que tem como finalidade, segundo o autor, enfrentar a fragmentação da sociedade e dar lugar a novas culturas realmente humanas, é merecedora de observação. Com semelhante preocupação, Arendt (1983) já falava sobre a reconstrução do tecido cultural mediante a ligação entre passado e futuro para a veracidade do presente. Esclarece a cientista política alemã, exilada nos Estados Unidos, que o passado não significa o conjunto de acontecimentos que existiram e passaram para trás. Esse passado indicado é a tradição rica, e está constituído de fatores que merecem ser preservados. Quanto à definição de futuro, estabelece que é o resultado das ligas provenientes desse passado com o que se trabalha no hoje na cultura. Essas são duas propostas de vida consistentes, criando pontes e entrelaçando as pessoas. Ambos os autores destacam a escola na cultura, que tem como finalidade enfrentar a fragmentação da sociedade e dar lugar a novas culturas realmente humanas. Totalitarismos foram alvo da análise da referida filósofa, e mais contundente ainda é a premonição escrita por Orwell (1977) imediatamente depois da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) de uma sociedade altamente controladora, nos mínimos detalhes, da vida dos seus cidadãos. Perde-se a dignidade da pessoa quando a cultura é massificadora e ditatorial, como facilmente se pode inferir por meio da leitura dessa obra. O que parecia uma ficção apenas alarmante, se tornou a realidade homogeneizadora dos cidadãos desprovidos de singularidade. A despersonalização de cada indivíduo é meticulosamente planejada e executada. O sistema cultural como um todo impede o resgate do ser humano e, por conseguinte, o florescimento da cultura, que se transforma em um bloco rígido, em uma prisão. A manipulação do ser humano leva a cultura a deixar de ser cultura conceitualmente, passando a se apresentar apenas como um simulacro do que poderia ser.

Ainda quanto a essa preocupação, Kasim (2020) debate sobre qual deve ser a política necessária da Educação para todos, ressaltando, porém que as diferenças sejam respeitadas e lembrando a importância das experiências culturais vividas pela pessoa, fora e dentro da escola em suas manifestações comportamentais. Feita essa ênfase, divulga e comenta os resultados de uma pesquisa que mostram o professor dos anos iniciais da escolarização exercendo um insubstituível papel no processo da educação vista culturalmente. A responsabilidade cultural do professor é destacada em sua pesquisa como uma contribuição que não pode ser minimizada. Não nos estenderemos nesse tópico, devido aos limites desse artigo e à seleção que nos impusemos. Certamente que o professor é a figura central, depois do aluno, no processo educacional organizado sistematicamente. Esse

é um tema que fica em aberto para ser posteriormente trabalhado, tornando-se motivo de estudos e discussões de grande valia para a área educacional.

O poder da cultura, principalmente aquele exercido por interessados em materialização da pessoa, condução de suas aspirações e gostos, tem sido um assunto de discussão crescente, principalmente depois dos ensaios escritos por Adorno (2020), protestando contra esse abuso. O filósofo alemão ataca a maneira como os meios de comunicação são utilizados para forjar desejos e levar os cidadãos a consumo de bens que muitas vezes não lhes tinham despertado a atenção. Suas críticas quanto à indústria do lazer são bem conhecidas e podem ser trabalhadas à luz do problema da pessoa no contexto cultural. Estendeu-se ainda, o citado pensador, no campo das artes, mostrando a manipulação feita por grupos com motivações financeiras que criavam na pessoa expectativas artificiais.

Essas análises aconteceram no século XX e se tornam ainda mais pertinentes com a espantosa evolução dos meios de comunicação presenciada por todos atualmente. Vive-se hoje um emaranhado de informações, sugestões, induções e condicionamentos jamais pensados como possíveis. As redes sociais artificializaram a cultura, estabelecendo valores impensáveis e montando algo paralelo à vida real, que traz consequências desastrosas para o ser humano. Poderia ampliar esses comentários, mas não cabem no escopo do presente artigo. Sabe-se que há uma crescente anulação do ser humano, que perde a consciência de si próprio e passa a viver em uma cultura que não existe com uma despersonalização.

Considerações Finais

Muitas são as possibilidades de conclusão provenientes da pesquisa documental realizada, das argumentações expostas e das reflexões que suscitaram e foram aqui trabalhadas. É relevante a contínua análise do problema considerado como desafio, e sem dúvida, respostas estão presentes nesse artigo, ainda que incompletas e pedindo estudos. Não há uma conclusão no sentido fechado do termo, e por isso nos detemos em considerações. Oferecemos aproximações valiosas, se bem que, indiscutivelmente, precisem ser debatidas. O tema, cujo recorte foi destacado, exige uma continuação, não no sentido de seguimento das ideias ou linhas abordadas, mas de renovação constante, refutações e complementação.

Nossas considerações finais são objetivas e decorrem da lógica presente no artigo inteiro. Pretendem abrir campos de pesquisas ininterruptas. Salientamos agora que a educação da pessoa no contexto cultural escolar não será extinta, nem como prática, assim como também em seus aspectos teóricos-críticos, apesar de movimentos e ideologias que surgem, e depois desaparecem. Muito se tem debatido sobre o fim da escola. Os famosos e exacerbados críticos da escola, Bourdieu & Passeron (1970, p. 7) acusam os métodos empregados nas escolas, alegando que “Em matéria de cultura, a maneira de aquisição se perpetua no que é adquirido sob a forma de uma certa maneira de usar essa aquisição, o modo de aquisição exprimindo as relações objetivas entre as características sociais do que adquire e a qualidade social do que é adquirido”. Esse ataque à escola, como se fosse um instrumento de perpetuação de conteúdos e conquistas culturais, é exagerado. Há uma ambiguidade natural na feição da escola, que pode ser visualizada como a imagem do deus Janus, provido de duas faces voltadas para lados opostos.

Consideramos que a escola corresponde aos projetos da cultura e possibilita que sejam revisados e atualizados, porque acolhe crianças e adolescentes para serem formadas segundo seus critérios, e, ao mesmo tempo, as capacita para que se tornem pessoas com pensamento lógico, autônomo, habilitadas a exercerem seu direito de crítica. A cultura alimenta, por meio da escola, seus próprios questionadores, ávidos por respostas a suas arguições e ataques em geral. Educar a pessoa na escola é devolver cidadãos indagadores e pensantes, não marionetes a serem manipulados ou sujeitos passivos e inertes, meramente repetidores. Desse movimento dialético surge uma síntese criadora inesgotável tornando a cultura mais viva e rica para todos.

A pessoa é, indubitavelmente um ser de cultura, e devido à complexidade cada mais intensa desta, instrumentos sistematizados são disponibilizados para sua educação, destacando-se a escola. Ao insistirmos na validade dessa instituição, apesar de conhecermos as posições contrárias, não estamos sendo ingênuos nem ignoramos seus erros e desvios. O fato de realidade dessa existência não leva à conclusão de que deve ser eliminada, mas sim desafiam a sua reinvenção. A reformulação que sugerimos está alicerçada no que apresentamos na discussão nesse artigo. Essa base sólida é a necessária interrelação do entendimento do conceito de pessoa no contexto cultural. Substancialmente, a pessoa é em si mesma um valor que se projeta e cresce na comunicação com os outros seres humanos.

Basta o mais superficial e rápido olhar ao longo da história do ser humano para que seja constatada a origem da escola em eras remotas, sua permanência e seu inestimável serviço à pessoa particular e à cultura como um todo. Negar a contribuição da escola e sua

contínua melhoria, é não ter boa memória ou desconhecer a história da educação. Simultaneamente, querer que o modelo existente seja intocável, é ignorar não só as tremendas modificações culturais provocadas por variáveis incontáveis, como as distorções que se acumularam e renovaram as perspectivas. Não existe um protótipo de escola, nem mesmo para uma determinada cultura, que sirva de padrão, o que tenha alcançado um patamar de excelência irretocável. O desempenho de uma escola é inerente aos laços estabelecidos com os componentes culturais. O trabalho do educador é incessante e decorre da avaliação que faz do sistema como um todo em constante confronto com os paradigmas estabelecidos. Qual é o conceito que tem de pessoa, escola e cultura configura o suporte de suas ideias, suposições, teorias, alegações, e por fim, decisões.

A escola não é um apêndice da cultura, como podemos deduzir depois da argumentação exposta. É um órgão essencial para sua vitalidade. Observamos que a própria cultura, em sua origem, sentiu falta dessa instituição e a concebeu. Esse é um robusto argumento que foi explorado desde o início de nosso trabalho. Evidentemente que a escola não é estática nem perfeita, exigindo dessa maneira, uma revisão avaliativa perene. As pessoas são as encarregadas dessa tarefa julgadora, sempre com o propósito de oferecer subsídios para a melhora, e não para destruir. Os méritos e os males da escola coexistem e o fato de que nem sempre há acertos em sua trajetória não invalida sua permanência no contexto cultural.

Entende-se que a vida humana plenamente integrada ao contexto cultural é de tão imensa relevância para o desenvolvimento da pessoa, que só encontrará sua excelência nessa relação. O desempenho da escola depende de sua relação com os componentes da tradição, as novas conquistas, os valores selecionados e permanentes, enfim, as produções do seu povo. É essencial que sejam promovidas oportunidades variadas para que haja condições adequadas à essa interação. Não se trata de simples adaptação, ou aceitação passiva de estímulos recebidos, mas da construção contínua feita pela pessoa em conjunto com as demais pertencentes à sua cultura. A escola tem valor incalculável porque é a instituição criada para essa finalidade e que torna possível o alcance dessa meta precisamente no contexto cultural.

Sintetizando, a discussão apresentada nesse artigo, leva à conclusão da relevância do contexto cultural escolar em relação à educação da pessoa. Afirmamos que é esse espaço físico e imaterial o meio mais favorável e capaz de oferecer condições únicas para a construção da pessoa, tornando-se, desse modo, indispensável para a educação integral da pessoa.

Referências

- ADORNO, Theodor. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro. Ed. Paz e Terra 2020
- AQUINO, Tomás. **O ente e a essência**. Lisboa. Editora Presença. 1981
- ARENDT, H. **Between past and future: eight exercises in political thought**. New York: Penguin Books, 1983
- ARISTOTLE. Politics. In BARNES, John (ed) **The Complete works of Aristotle. The Revised Oxford Translation**. New Jersey v. 2 Princeton University Press 1995
- ARISTOTLE. Politics. Nicomachean Ethics. In BARNES, John (ed) **The Complete works of Aristotle. The Revised Oxford Translation**. New Jersey v. 2 Princeton University Press 1995
- BAYARD, Adam; KARADUMAN, Hurryet Alkan. **The Effects of School Culture on Students Academic Achievements**. *Shanlax International Journal of Education*, v9 n3 p99-109 Jun 2021
<https://eric.ed.gov/?q=the+effects+of+school&ft=on&id=EJ1300860> Acesso 02 julho 2021
- BOAS, FRANZ. **The Mind of Primitive Man**. New York. Free Press Editions. 1961
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **La Reproduction**. Paris. Ed. Minuit. 1970
- BRUNER, Jerome. **he Culture of Education** Cambridge. Harvard University Press. 1997
- CABRAL, Muniz Sodré Araújo. **Reinventando a Educação. Diversidade, descolonização e redes**. Petrópolis. Ed. Vozes 2012
- CABRAL, Muniz Sodré Araújo. **As estratégias sensíveis - afeto, mídia e política**. Petrópolis: Vozes, 2006.
- CABRAL, Muniz Sodré Araújo. **Reinventando a Cultura**. Petrópolis. Vozes, 1997
- CAMOSY, Charles. **Resisting Throwaway Culture**. New York. New City. New York Press. 2019
- CANAU, Vera. **Reinventar a escola**. Petrópolis. Ed. Vozes 2008
- DAMATTA, Roberto. **Ensaio de Antropologia Estrutural**. Petrópolis. Ed. Vozes. 1973
- DUYGUN, Gokturk. Epistemic Injustice and Cultural Processes in Education. *Kastamonu Education Journal* v29 n1 p218-227 2021 Disponível em:
<https://eric.ed.gov/?q=epistemic+injustice&id=ED610081> Acesso 16 07 2021

GEERTZ, Clifford **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro. Ed. Guanabara Koogan. 1989

GIL, Gilberto. **Music, Culture and Globalization**. In Green, J. Langland, V. & Schwarcz, L. (ed) *The Brazil Reader. History, Culture, Politics*. Duke University Press 2019 p 526 -530

Haidt, Jonathan. **The Righteous Mind**. New York. Vintage Books. Handom House 2013

KASIM, Karatas. Contributions of Culturally Responsive Elementary School Teachers in the Education Process. *Excellence in Education Journal*, v9 n2 p97-120 Sum 2020. Disponível em: <https://eric.ed.gov/?q=contributions+of+culturally+responsible&id=EJ1266020>
Acesso 30 06 2021

LASCH, Christopher. **The Culture of Narcissism. American Life in an Age of Diminishing Expectations**. New York. Norton Company. 2008

MCEVOY, Lesley. & LUNDY, Laura. In the Small Places: Education and Human Rights Culture in Conflict-Affected Societies. In Morison, John.; McEvoy, Kieran.; Anthony, Gordon (ed) **Judges, Transition and Human Rights** Oxford. Oxford University Press 2007

MARITAIN, Jacques. **Pour une philosophie de l'éducation**. Paris: Librairie Arthème Fayard, 1959

MARITAIN, Jacques. **Humanisme Intégral**. Paris. Editions Fernand Aubier. 1947

MARITAIN, Jacques. **Principes d'une politique humaniste**. New York: Editions de la Maison Française Inc. 1944.

MARROU, Henri. **Histoire de l'Éducation dans l'Antiquité**. V. 1. Paris. Ed. Seuil. 1981

MENDES, Durmeval Trigueiro. **Filosofia da Educação Brasileira** São Paulo. Editora Civilização Brasileira 1984

MONROE, PAUL. **História da Educação**. Rio de Janeiro. Zahar. 1968

MOUNIER, Emmanuel. **Personalismo**. São Paulo. Martins Fontes. 1974

ORWELL, George. **1984**. New American Library. Penguin. NY 1977

RICOEUR, Paul. **Hermeneutics and the Human Sciences: Essays on Language, Action and Interpretation**. Cambridge. Cambridge University Press 2016

SUCUPIRA, Newton. Ética e educação. **Ética, Hoje, Presença Filosófica**. Rio de Janeiro, v. VI, n. 4, p. 28-42, out./dez. 1980

SUCUPIRA-LINS, Maria Judith Costa. O respeito à pessoa na Educação mediante uma Filosofia da Educação. **Revista Eletrônica Pesquiseduca**, Santos, v 10, n 22, p. 497-511 set/dez. 2018

TEIXEIRA, Anísio. **Educação não é Privilégio**. Rio de Janeiro. Ed. Nacional. 1977

THOREAU, Henry. **Walden**. New Haven. Yale University Press. 2006

VON HILDEBRAND, Dietrich. **Nature of Love**. South Bend, IN. St. Augustine Press. 2009

Revisores de línguas e ABNT/APA: Maria Judith Sucupira da Costa Lins

Submetido em 29/07/2021

Aprovado em 09/09/2022

Licença *Creative Commons* – Atribuição NãoComercial 4.0 Internacional (CC BY-NC 4.0)